

COMPLEMENTARIDADE  
E TRANSFORMAÇÃO  
YEPAMAHSÃ

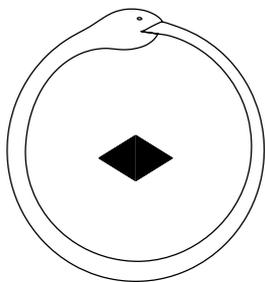
João Paulo Lima Barreto

Ciclo ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

2/4



cadernos  
SELVAGEM



## COMPLEMENTARIDADE E TRANSFORMAÇÃO YEPAMAHSÃ

João Paulo Lima Barreto

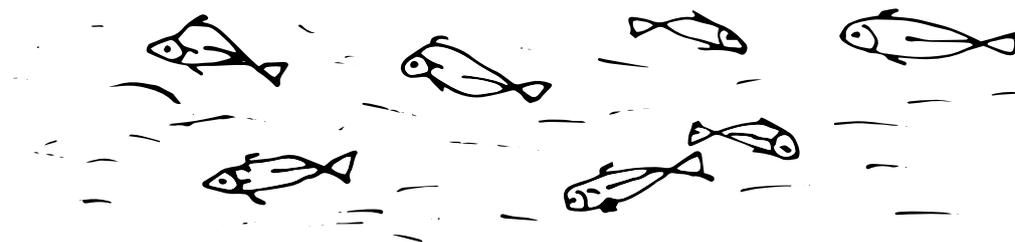
Ciclo de Leitura do livro *Antes o mundo não existia* 2/4

### APRESENTAÇÃO

*Idjahure Kadiwel*

Prosseguindo na viagem da Canoa da Transformação em que embarcamos por meio dos encontros virtuais do ciclo de leitura de *Antes o mundo não existia*, livro de mitologia desana de autoria de Firmiano Lana (*Umusi Pãrökumu*) e Luiz Lana (*Tõrãmũ Kêhíri*), convidamos para o nosso segundo encontro os antropólogos rio-negrinos Dagoberto Azevedo e João Paulo Lima Barreto. Ambos doutorandos no PPGAS/UFAM e membros do NEAI, a antropologia praticada pelos indígenas do povo Tukano (que em sua própria língua se autodenomina *Yepamahsã*) expandiu em todas as direções as já múltiplas dimensões inscritas nas narrativas. Se Jaime Diakara chamou de geomitologias às mitologias desana, nos contando da perspectiva indígena que enxerga subjetividade, vida em objetos, entidades e lugares, tendo em especial nos apresentado às Malocas da Transformação, Dagoberto e João Paulo prosseguiram, para além dos limites de uma compreensão restrita de mitologia, por uma reformulação dos termos em que devem ser concebidas as ontologias, os mundos indígenas, igualmente avançando na afirmação de uma epistemologia própria, de um modo de conhecimento próprio dos povos originários. Conforme tão brilhantemente nos expôs João Paulo Lima Barreto, esse conhecimento é centrado numa compreensão particular do que é o corpo.

Devido à impossibilidade de reproduzir na íntegra o conteúdo do encontro, aqui se encontram excertos, apenas das falas de João Paulo e omitidas as perguntas, numa amostra do pensamento que atravessou o curso. Quando aceitou o convite para participar do ciclo, o antropólogo *yepamahsã* estava finalizando sua tese de doutorado, *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. A partir do conflito entre as ontologias moderna e indígena e de suas perspectivas sobre o cuidado do corpo, João Paulo relata ter embarcado no aprofundamento dessas diferenças na companhia de especialistas de diferentes povos de matriz Tukano do Alto Rio Negro. As histórias de origem do mundo, da humanidade e dos cataclismos, apresentadas em *Antes o mundo não existia*, são assim complementadas com uma aguçada interpretação do antropólogo e coordenador do *Bahserikowi* – Centro de Medicina Indígena, tradutor de complexos conceitos com que trabalham os especialistas *yepamahsã*, distinguindo hierarquia e complementaridade, corpos e cosmos, saúde e doença.



É fundamental pensar, e já existem alguns trabalhos sobre isso, a noção de hierarquia, de irmão maior e menor, de *sib*<sup>1</sup> maior, menor e último. Não significa dizer que é uma sociedade hierarquizada, não significa dizer que a gente obedece, que alguém manda e outros obedecem, não é bem assim. Portanto, eu trago uma discussão dizendo que são sociedades ou povos de sociedades, nós somos indígenas, que a gente gosta muito da complementaridade. Quanto mais diferente, melhor para nós. Então a gente não é sociedade de igualdade, não no sentido de igualdade de direitos, mas no sentido de conhecimento. Então, o meu irmão maior me complementa, porque ele tem um certo domínio de conhecimento; eu complemento ele, porque tenho determinado conhecimento. Isso não significa dizer que eu sou irmão menor para obedecer ao mando dele. É uma sociedade de complementaridade. Daí a importância de poder levantar essa questão, essa parte, que renderia muito debate, muita discussão para a gente aprofundar sobre essas noções: o que é uma hierarquia, sociedade hierarquizada, de estilo militar, e o que seria, do ponto de vista nosso, uma sociedade de complementaridade. E essa noção de complementaridade, para nós, é muito importante, na medida em que complementaridade também não está somente na sociedade, entre nós, sociedade, está também nas relações com o nosso entorno; com isso quero dizer com a floresta, com a água, com o ar, com os espaços etc. Então é muito maior, até arrisco dizer, é nossa filosofia. Viver em complementaridade é nossa filosofia de vida, de sociedade, enquanto outras sociedades talvez prezem a hierarquia. É um ponto que eu levanto para discutirmos.

---

1. Na linguagem da antropologia, *sib* pode ser considerado sinônimo de clã, um grupo social aparentado.

Sobre cataclismo, o que é isso, o que significa isso, é também um princípio, uma filosofia indígena, de dizer que o cosmo é organizado, o cosmo é habitado. Não é vento, ar, são seres que habitam e com os quais nós devemos obrigatoriamente nos comunicar, manter interlocução. Porque cada domínio tem seus habitantes, que infelizmente foram traduzidos como “espíritos”, mas para nós, para os nossos especialistas indígenas, não são espíritos, não são deuses, são “humanos” que vivem em outros domínios. Mas para poder acessar, para poder ter interlocução com eles, você tem de passar por um processo de especialização.

Portanto não é qualquer pessoa que acessa; tem que ter uma formação para poder se preparar, construir o corpo e acessar para dialogar nesses domínios. O cosmo não é simplesmente nuvem, não é simplesmente estrela. Aí habitam seres, com os quais nós interagimos e nos comunicamos. Essa noção é fundamental para nós, que definimos como *kih̄ti-uk̄use*, e que foi traduzido como “mitologias” ou como “narrativas míticas” para o português. Mas o que nós, indígenas estudantes de antropologia, tentamos fazer para colocar para além dessa nossa mitologia e de lendas e de narrativas míticas da seguinte maneira: o que é *kih̄ti* e *uk̄use*? Por que a gente colocou esse conceito tukano? É um conjunto de tramas sociais vivenciadas pelos organizadores do cosmo, responsáveis pela origem, pela organização do mundo, da humanidade, dos seres, das coisas, das técnicas, das paisagens. Ou seja, a gente queria falar que, ao ler essas publicações, como vocês leram, não é simplesmente ler por ler. É um modelo indígena de explicar as coisas, de relacionar as coisas e de construir relações interpessoais, seja entre humanos, seja entre cosmos políticos. Daí a gente vê a discussão da importância do papel dos especialistas nesse conjunto. Daí a gente prossegue dizendo o seguinte: encontramos também as lições, as regras, as obrigações, a origem das doenças, dos *bah̄sese*, das etiquetas e comportamentos exigidos nas relações entre humanos e não humanos, especialmente seres que habitam o cosmo. Ou seja, são nossos códigos de comunicação, portanto estão além desses conceitos que estamos acostumados a ouvir, como o Dagoberto Azevedo lembrou bem, desses palavreados religiosos, que diz assim: “ah, o pajé é o líder religioso, ele é xamã ou ele é líder espiritual”. Bom, eu nunca ouvi falar de líder espiritual na minha cultura, eu nunca

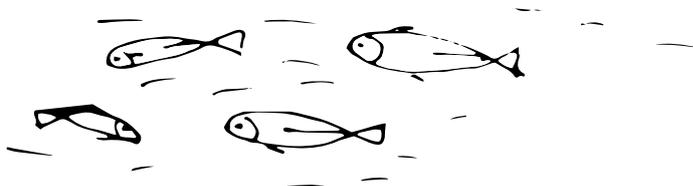
ouvi falar que meu avô fazia magia, nunca ouvi falar que meu avô fazia curandeirismo. Então são palavreados de que a gente se apropria, e nós indígenas nos apropriamos e incorporamos isso em nosso discurso. Portanto, nós indígenas que estamos na academia, como pesquisadores, antropólogos, qualquer outra área, temos essa obrigação de trazer para o debate esses palavreados.

Eu quero tecer uma crítica aqui e dizer o seguinte, que os conhecimentos indígenas se tornaram agora “etno”; tudo se transformou em “etno”: é etnomatemática, etnociência, etnobotânica, etno-história, etnotradução, etno, etno, etno, numa tentativa de querer chapar o conhecimento indígena no modelo ocidental de entender as coisas. Portanto, eu quero dizer que nós estamos tratando de outro modelo de conhecimento. É o modelo indígena de conhecimento. Ele tem seus conceitos, é uma epistemologia indígena. A partir dessa epistemologia, nós entendemos quem são vocês, que não estão dentro da nossa comunidade, que não pertencem à nossa comunidade.

Essas traduções que o Dagoberto levantou, que eles tentaram usar os palavreados religiosos, nós caímos num outro abismo, de querer chapar nosso conhecimento em outro modelo de conhecimento, seja de religião, seja da ciência. Portanto, nessas publicações a gente vai ver muito essas palavras – “sagrado”, “espíritos” – numa tentativa de tentar fazer o outro entender em português.

Trago uma reflexão para além dessas questões que estão sendo colocadas, que vocês estão lendo. Para nós, esse esforço é muito importante. O que vocês estão fazendo, eu sou fã disso, porque eu sempre falo que só posso dialogar ou promover um diálogo simétrico, uma conversa simétrica na medida em que eu entendo o outro, os seus conceitos, as suas concepções. Então o que vocês estão fazendo é isso, estão querendo entender o nosso modelo para a gente começar a dialogar, para a gente começar a conversar. Se nós somos indígenas, não é somente esse corpo biológico que está em jogo. Esse corpo biológico está conectado em várias outras dimensões: territorial, política, organização social, trabalho, complementaridade, relações cosmopolíticas. Nós estamos em uma teia de relações políticas e cosmopolíticas. Quando o corpo sofre, é algo que está desequilibrado nessas relações.

Para concluir, não devo deixar de colocar uma questão. Certa vez, eu fui para São Paulo, primeira vez, aí meus colegas de lá me levaram para passear. A primeira coisa que me levaram para conhecer foi o metrô – aqui não existe metrô. Fomos lá na Praça da Sé, entramos no túnel, tipo formiga, e fomos embora. Descemos, descemos, descemos, lá tinha pessoas vendendo, tinha pessoas circulando, muita gente, movimentado. Uma dada hora eu perguntei ao meu colega qual seria a profundidade. Ele falou que estava abaixo de 30 a 40 metros. Bom, para uma pessoa que não está acostumada é assustador isso, você imaginar que está dentro da terra, cai ali e você vai morrer. Isso ficou na minha cabeça, e quando eu voltei para cá, para Manaus, eu contei para o meu pai isso: “pai, a história lá é assim, a gente entra assim, tipo formiga, vai embora, vai lá dentro, embaixo da terra, tem um carro que circula lá, tem muita gente, vendendo, cantando, se encontra muita gente lá”. Para o meu pai, o que eu contei é surreal, porque não está na nossa cosmologia, não está no nosso dia a dia. Aí eu faço comparação: talvez, para vocês, ler este livro seja surreal, mas para nós é isso que acabo de falar.



**Bahsese**, uma definição que a gente deu, é a habilidade de um especialista evocar ou invocar e pôr em ação substâncias curativas, preventivas, curtidas nos vegetais, animais, minerais e outros elementos. Ou seja, quando o nosso especialista indígena **kumu** pega o elemento e começa a falar sobre isso, conversar, ele não está rezando, ele não está falando com os espíritos, ele não está transformando poção de água, tabaco em magia. Não é poção mágica. Por exemplo, se ele fizer **bahsese** sobre ferida, ele vai estar invocando e evocando substâncias travosas contidas nos vegetais, mas para isso ele vai ter de saber os vegetais que contêm essas substâncias. Eu costumo dizer, para as pessoas entenderem, que, em vez de manipular quimicamente, ele está manipulando metaquimicamente, portanto ela se transforma em remédio. Mas, para isso, ele tem de ter uma formação, não de qualquer jeito, não é qualquer um. Eu, por exemplo, não tenho esse poder de fazer, porque tem de

passar por um processo. Portanto, *bahsese* é isso, são “fórmulas terapêuticas” que a gente traduz, para fugir desse termo de “benzimento”. Benzimento é um termo religioso, católico pode usar muito bem, os evangélicos podem usar muito bem, ninguém é contra isso. Mas querer chapar esse termo benzimento para traduzir nosso conhecimento é um equívoco muito grande.

Na coleção de livros chamada *Reflexividades Indígenas*, tem meu livro, que fala exatamente sobre o domínio aquático, os seres que nele habitam, chamado *Waimahsã: peixes e humanos*, em que eu discuto esse equívoco de tradução de *waimahsã* como “espírito”, como “peixe-gente”, como isso levou a um equívoco de interpretação, antropologicamente.<sup>2</sup> Tem o livro do meu colega Dagoberto que trata sobre o espaço terra/floresta, em que ele apresenta como nós organizamos o espaço terra/floresta e quais são os seres *waimahsã* que habitam esses lugares, e nós precisamos manter relação e interlocução com eles. E outro colega nosso, Gabriel Maia, trata em seu livro sobre o espaço aéreo, seus habitantes, os bioindicadores e as suas relações com as doenças. Por que se chegou a esses três grandes espaços? Porque nós estudamos, uma equipe toda do NEAI (Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena) estudou e percebeu que nós, povos indígenas *Yepamahsã*, organizamos o espaço, esse cosmo, em três grandes espaços, que são espaço aéreo, espaço terra/floresta e espaço aquático, e seus subdomínios estão habitados por seres chamados *waimahsã* ou “humanos” que estão lá habitando esses domínios. Então é isso que a gente traz nessa coleção. Só que já esgotou, já foi vendido tudo, e a gente nem sabe quando vai sair a segunda edição.

---

2. Em *Waimahsã: peixes e humanos* (2018), João Paulo aborda extensamente essa complexa categoria *yepamahsã*/tukano. Em determinado momento de sua reflexão, afirma: “Os *waimahsã* são criaturas que possuem as mesmas qualidades e capacidades dos humanos, inclusive sua aparência física, mas que não são visíveis pelas pessoas comuns e na vida cotidiana. Eles só podem ser vistos por um especialista, *Yai* ou *Kumu*, ou em sonhos – situações que, inclusive, permitem a interação entre eles. Eles são os responsáveis, guardiões ou protetores dos espaços e de todos os bichos que neles circulam, o que não faz deles, no entanto, ‘donos’ desses bichos, mas sim dos próprios espaços. Os *waimahsã* são ainda seres de natureza múltipla, na medida em que são capazes de desenvolver qualidades e habilidades de animais e vegetais para agir em certas situações. Dada sua complexidade, encontrar uma tradução que dela dê conta é uma tarefa que optei por abandonar nesta obra” (2018, p. 68).

E no livro *Ómerõ*, a gente traz exatamente essa noção dos conceitos yepamahsã, quais são os três conceitos fundamentais para entender as práticas sociais, as regras sociais, as etiquetas, a organização social dos Yepamahsã, trazendo discussão sobre esses *kihti-ukũse*, que foi traduzido como mitos ou mitologias ou narrativas míticas; discutimos aqui a noção de *bahsese*, que acabei de dizer que é traduzido como benzimento, que não tem nada a ver; tratamos aqui sobre *bahsamori*, que foi traduzido como rituais, mas não é nada disso, nós traduzimos como práticas sociais. Para quem quiser entender todo esse conjunto de detalhes, a gente recomenda que leia minimamente este livro chamado *Omerõ*, que também já esgotou, a gente não tem mais nenhum exemplar, mas se vocês quiserem a gente pode mandar digital, temos digitalizado também.<sup>3</sup>



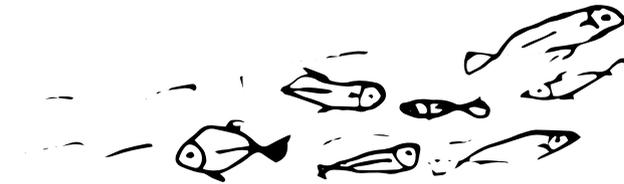
O Centro de Medicina Indígena *Bahserikowi* foi fundado exatamente com base nesses conceitos, nessa noção, mas sobretudo foi criado para promover uma discussão ou um debate ou um diálogo simétrico com esse modelo ocidental. Mas também foi criado a partir de muitas experiências dolorosas, eu sempre costumo dizer isso. Já passaram cerca de 2950 pessoas; dessa parcela que passaram lá, 99,9% são não indígenas, por diversos problemas – depressão, ansiedade, insônia, menstruação descontrolada, ferida, dor de cabeça – e pessoas com caixas e caixas de remédios chegando lá. O Centro de Medicina é isso, esse esforço de expressão do nosso conhecimento, esse esforço de colocar na prática como que ela funciona, porque no imaginário da sociedade está muito presente essa ideia de um pajé construído ao longo da história, seja na dimensão folclórica, seja na dimensão de tradução, seja na dimensão

---

3. Toda a coleção *Reflexividades Indígenas*, produzida pelo Núcleo de Estudos da América Indígena da Universidade Federal do Amazonas (NEAI/UFAM), pode ser acessada [aqui](#).

de livro didático, um pajé que faz cura dançando, cantando, tocando maracá, cabeça no cocar, todo pintado, pulando etc. Isso eu digo porque, quando a gente brigou, tentou colocar em prática com os médicos, quando minha sobrinha veio para tratar picada de cobra, eles queriam amputar o pé dela, e nós tínhamos proposto que antes poderíamos fazer um tratamento conjunto, a biomedicina e a nossa medicina, e a amputação seria o último recurso. Pela lei isso era normal, porque tem garantia na lei, na Constituição etc., a gente achava que ia ser fácil, mas não foi, foi complicado. O médico, numa reunião intermediada pelo Ministério Público, falou exatamente isso que estou falando: “Eu não vou permitir um pajé entrar no hospital dançando, pulando, cantando, com fumaça, com tambor, maracá, com cocar, com chocalho, fazendo ritual de cura”, ele falou. Eu disse a ele: “Você está certo, certíssimo, porque você assiste e gosta muito do pajé do boi-bumbá. O pajé do boi-bumbá cura o boi. Nós, indígenas do Alto Rio Negro, a gente come o boi”. Então, são essas questões que nos fizeram pensar para colocar um Centro de Medicina Indígena. E também, só para completar, foi muito interessante logo que fundamos, em 2017, que as pessoas chegavam lá com essa ideia mesmo, de encontrar uma maloca, de encontrar um pajé fazendo ritual de cura, dançando, cantando. E saíam de lá frustrados, porque não tem nada disso. Eles diziam assim “esse é o pajé?” a meu pai, ele que atendia, e meu tio. “Mas ele não usa cocar, não é original, né? E essa casa, não é maloca, né?” Porque estamos aqui no centro da cidade. Então a sociedade tem um imaginário dentro dela, e isso é muito importante para nós, e hoje a gente tem visita de estudante de Medicina, de Direito, de várias áreas para conhecer. A gente também problematizou e está normatizando a relação desses programas de saúde que atendem de forma diferenciada as comunidades indígenas. Em 20, 25 anos que estamos lidando com esses programas, nós, pelo menos as pessoas da minha região, da minha comunidade, se tornaram dependentes químicos, literalmente. Esquecemos os nossos especialistas, esquecemos o uso de plantas medicinais, e agora a gente está dependendo de dipirona, aspirina, paracetamol, de médico, de enfermeira, de pedagogo, de antropólogo, de sociólogo, de fisioterapeuta, e todo dia estamos reclamando que não temos dinheiro. Mas esquecemos literalmente o nosso sistema terapêutico. Então o

Centro de Medicina também quer provocar isso e, nesse sentido, tem participado de várias reuniões e tem recebido várias visitas de lideranças indígenas, inclusive Davi Kopenawa, várias lideranças renomadas, Ailton Krenak, Álvaro Tukano, a própria Fran Baniwa, estudantes, Dago está envolvido, então tudo isso a gente vem promovendo e mostrando.



Para ser especialista, é uma construção, não é? Portanto, eu sou muito cético em dizer que é um dom. Conforme os dados, conforme as orientações, desde a concepção, a mãe e o pai cuidam do corpo da criança, em vista de uma formação. Aí tem todos os cuidados adotados, como dieta alimentar, abstenção sexual, o uso de determinadas plantas medicinais, acompanhamento do especialista, todo o processo de geração de vida da criança é acompanhado, seja masculino ou feminino. Portanto, o primeiro passo é o cuidado do corpo da mãe e do pai. Depois, quando a criança nasce, vem outro cuidado sobre o corpo da criança, exatamente isso de alimentação. E depois vem um passo muito importante, que é quando a criança começa a comer alimentos sólidos, como beiju, peixe, carne de caça, frutas etc., ele passa por processo de descontaminação dos alimentos, porque eles são portadores de doenças. E a gente poderia trazer várias outras questões. Aí vem outra fase de cuidado com o corpo dele, que passa por limpeza estomacal, inspiração de sumo de pimenta e consumo de alguns elementos *kahpi*<sup>4</sup>, *wihõ*<sup>5</sup>, rapé, essas coisas, e também cuidados com alimentos. Nesse período em que está se formando, ele não pode comer alimentos gordurosos, caça de grande porte, peixes de grande porte; tem várias restrições para isso, tem razões para isso.

---

4. Bebida enteógena cerimonial de determinados povos indígenas da Amazônia, preparada a partir do cipó, plantado tradicionalmente nas roças, *Banisteriopsis sp.*

5. Espécie de rapé vegetal, chamado de paricá em Nheengatu ou Língua Geral, preparado cuidadosamente pelos especialistas *yepamahsã*, que é ingerido pelos jovens em formação durante cerimônias e grandes festas de *dabucuri*, com a finalidade de se conectar ao domínio de comunicação e de sociabilidade dos *waimahsã*.

A constituição do corpo é fundamental para nós, para ser um bom especialista, dizem os *kumuã*, os especialistas. O corpo tem de estar leve, o corpo tem de estar bem, dizem eles. Daí a importância de usar tabaco, daí a importância de usar patu, *ipadu*, como os colegas, o Diakara já falou, o Dago está falando, elementos importantes para a construção do corpo. Aí vem o processo de formação de fato, formação específica, que é essa de isolar os formandos ou os candidatos à formação de especialistas, e temos três especialidades: *yai*, *kumu* e *baya*, eles são submetidos a uma formação. A formação é específica; eles se isolam, ficam sob o cuidado das pessoas especializadas, não têm contato com a sociedade, não têm contato com a mulher, com mulheres – aliás, a abstenção sexual para nós é fundamental, porque faz parte da condição do corpo para ser especialista. Para poder adquirir e construir conhecimento, meu avô dizia o seguinte: “Neto, aqui a gente não tem conhecimento. Onde tem conhecimento são as casas do *Waimahsã*”. Exatamente os domínios desses “humanos” que moram no domínio aquático, espaço aéreo, terra floresta, dizia ele, nunca esqueço isso. “Lá estão os laboratórios. Lá que a gente aprende as coisas. Mas para poder acessar você tem de usar rapé, mas não é qualquer rapé; rapé que te conecte com esse domínio. Usar *kahpi* que te conecte com esse domínio”. Então essa é a minha questão: quando tivemos contato com os missionários, nós fomos obrigados a interromper essa conexão. Na medida em que a gente reconectar isso, nós vamos ter bons especialistas. A gente ainda não tem, devido a essa questão de contato. É interessante lembrar também que a formação acontecia na adolescência, até 14, 15 anos no máximo. Dizia meu pai: “É o período em que o corpo está em formação. Depois o corpo não aguenta mais a tentação”. O cara quer namorar, o corpo quer sexo. Sexo é perigoso para a pessoa que quer ser especialista. Então tem todos esses cuidados para quem quer ser especialista. Portanto, a gente defende que o *kumu*, *baya* e *yai* são especialistas. Eles passam por uma formação como qualquer outro profissional que passa por uma formação, como antropólogo, sociólogo, médico, enfermeiro; eles têm a equivalência.<sup>6</sup>

---

6. *Yai*, *Kumu* e *Baya*, portanto, são três categorias de especialidades *Yepamahsã* ou Tukano, adquiridas após longo período de formação, que denotam mestres cerimoniais de diferentes qualidades.



A pergunta sobre se a mulher pode se especializar também, a questão (da formação) não é se é masculino ou feminino, homem ou mulher, a questão é o corpo. Na medida em que um corpo é construído para essa qualidade, para essa questão, seja o corpo da mulher, seja o corpo do homem, tem a mesma possibilidade de ser especialista, só que há uma diferença: o corpo da mulher emana fluidos, portanto, também tem de ser antes de emanar fluidos, menstruação, ou depois. O sangue é muito perigoso; o fluido da mulher quando ela tem menstruação, quando faz parto, é muito perigoso. Este assunto estou tratando na minha tese, por isso não vou falar no momento. Então é o corpo que está em jogo. Aliás, eu quero dizer aqui, lembrar da minha história. Nós temos uma história na minha família de que, quando meu tataravô, nosso avô, morreu, quem passou conhecimento para meu tataravô foi minha avó, ela sabia, então é por isso que eu tenho essa visão, de dizer que o que está em jogo é o corpo.

Outra pergunta que fazem em palestra é: “E o branco, pode ser pajé, *yai, kumu, baya?*” Bom, nessa questão, dentro dessa lógica, eu acredito que sim. Se construir o corpo para isso, pode.



A ideia de complementaridade é recente, não tem nenhum material escrito ainda, a gente não produziu, mas é uma ideia que a gente está travando para debater, contrapor um pouco também essa noção de hierarquia, que está muito presente no material didático, nas publicações. Não temos material escrito sobre isso. Essa noção de complementaridade, dentro da escola, podemos entender pela chave da coletividade. A gente, povos indígenas, é muito coletivo. Tem um artigo do Marcio Silva, que esteve alguns tempos atrás, quando ele começou a fazer antropologia, fazendo uma pesquisa entre os Waimiri-Atroari aqui, que

traz uma reflexão muito boa sobre isso, do que é ser coletivo. Ele conta o seguinte: se ele está dando aula para os alunos e passou um trabalho para cada um fazer, e um fazia primeiro, e essa pessoa que fazia primeiro ia ajudar o outro. Aí os dois terminavam e iam ajudando outro e outro, e de repente o último, que estava tendo dificuldade, teve ajuda de todo mundo para fazer a tarefa. Essa noção eu transporto para uma noção de didática, uma noção de que a escola, por si só, educa para sermos individualistas, para sermos competitivos entre nós. Então isso reflete na prática educativa de construir uma sociedade individualista. Para mim, o desafio da educação escolar indígena é entender essa noção de coletividade para promover uma educação. Vou dizer um exemplo, vou citar novamente *Ômerõ*. Este livro foi feito por uma equipe – Dago, eu, Gabriel, nossos professores Gilton Mendes dos Santos, Carlos Machado Dias Jr e outros colegas não indígenas –, debatendo, estudando, pensando conceitos, analisando e chegamos a essa obra. Ou seja, ela foi construída coletivamente. A maior parte dessas publicações da coleção *Reflexividade indígena*, dissertações e teses também, é feita coletivamente, não no sentido de escrever junto, mas no sentido de debater ideias, debater os conceitos. Essa questão de complementaridade, coletividade, para mim perpassaria por essa noção de que a escola ou sala de aula não é um lugar de promoção individual, do ponto de vista da cultura indígena, mas poderia ser um espaço coletivo. É isso que eu trago como reflexão. Mas também não está nada escrito, não tem nenhum momento que a gente escreveu, mas estamos provocando esse debate.



Na leitura do livro *Antes o mundo não existia*, vocês vão perceber como o corpo foi modelado. Ele dá os passos, o primeiro passo sobre o cataclismo, depois vocês vão ver sobre a origem do humano, a origem do corpo da mulher, a origem do corpo do homem, como se modelou o corpo. O corpo foi modelado. Então tudo está escrito aí nessa obra. O que eu trago é um pouco além disso. Eu fiquei muito curioso no debate, nessa relação com os médicos e *kumuã*, especialistas indígenas, porque o médico não conseguia entender os especialistas indígenas agirem sobre o corpo, para tratar, para prevenir, para cuidar do corpo. Aí foi o meu ponto de partida, essa pergunta me levou para o estudo do corpo do

ponto de vista indígena do Alto Rio Negro. Nessa relação eu tive três interlocutores, principalmente, um tukano, um desana e um tuyuka, três grandes grupos de povos indígenas do Alto Rio Negro. Eu percebi, e trago essa discussão, que o corpo é entendido pelos especialistas indígenas como síntese de tudo. Eles falam que no corpo existe vida animal, vida vegetal, vida ar, vida fogo, vida terra, vida água e *mahsã*, que é vida humana. Quando eles falam de vida vegetal, por exemplo, eles não estão falando só de um tipo de vegetal, é todo esse conjunto de vegetais, ou seja, tudo que constitui a terra, a floresta, tudo que está ali, a gente vê, independente de classificação, essa vida que está aí. E também, quando falam de animal, eles não estão falando de um determinado tipo, estão falando da condição de vida animal, a síntese é isso. A terra também, quando se fala de vida terra, não se está falando de um determinado tipo de terra, mas desse domínio, desse conjunto que constitui a terra. Eles dizem que o corpo é que se constitui dessas substâncias, é síntese disso. Portanto, o corpo está bem quando todas as substâncias estão equalizadas, estão bem equilibradas. Quando uma dessas substâncias estiver desequilibrada, ou não estiver equalizada, o corpo começa a sentir, e isso vai se manifestar como doenças ou desconfortos ou afecções. Então daí a noção muito bem clara do que é corpo, pelo especialista do Alto Rio Negro. Isso que permite eles agirem sobre o corpo. Ou seja, equalizando essas substâncias, seja colocando mais substâncias de que o corpo necessita, seja fazendo a proteção do corpo.

O corpo também é sujeito aos ataques externos, essa noção é fundamental. Essa função de ataques do corpo funciona com protocolos na mão dos especialistas. O corpo sofre ataque dos fenômenos; por exemplo, o sol é perigoso, pode te afetar uma série de doenças de pele; a noite é perigosa, o escuro é perigoso, porque pode também causar uma série de desconfortos no corpo; a chuva é perigosa, uma série de elementos é perigosa, porque pode atacar o corpo. Estou falando da dimensão dos fenômenos. Por isso, raio, trovoada é muito perigoso, pode atacar o corpo. Outro ataque vem dos alimentos. Os alimentos podem atacar o corpo, porque são contaminados. A noção dos alimentos é que não basta lavar os alimentos com água ou ferver. Eles têm de ser neutralizados pela ação dos bichos que comem a carne, microrganismos que a constituem.

Se não fizer isso, esses bichos que estão na carne, no peixe etc., eles vão comer o seu corpo como comem essa carne ou esse alimento. Portanto, vai continuar acontecendo uma ação metafísica dos bichos sobre o corpo. Daí surgem coceiras, feridas, uma série de doenças de pele e também internas, estômago etc., uma série de ataques que o alimento pode causar ao corpo. Outro ataque vem dos alimentos quentes ou fritos. A noção é que o calor que cozinha, quando você come, além de comer a carne, o peixe ou o alimento, você está comendo o fogo, o calor do fogo. Se você não abrandar o fogo, o alimento vai fermentar no estômago, causando uma série de desconfortos internos no corpo, que surgem como azia, ferida, úlcera, tem várias explicações para isso.

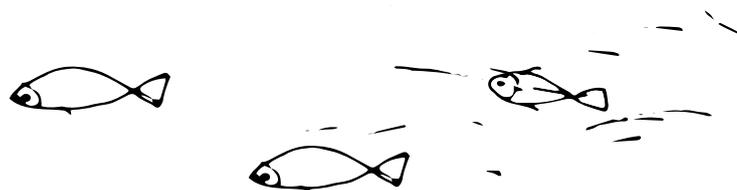
Outro ataque vem dessa relação que acabamos de falar: todos os domínios – serra, lago, rio, floresta – são casas que habitam esses “humanos”, que nós chamamos de *waimahsã*. Assim como nós cuidamos da nossa casa, colocando muro, arame farpado, cachorro, até vigia, eles também cuidam das casas deles dessa forma, colocam aparatos de proteção; não são esses, mas são outros. Portanto, se você for caçar em uma região em que você nunca foi, esses “humanos” vão te atacar, porque eles não te conhecem. Você vai sofrer uma série de ataques: picada de cobra, acidente fatal, náusea, e até vir a morrer. Portanto, esses seres, que nós chamamos de *waimahsã*, atacam as pessoas se você não se comunicar com eles. Tem outros ataques, só para exemplificar. Então essa noção de ataque do corpo está na cabeça dos especialistas indígenas. Quando eles veem que você está com náusea, eles já sabem que você foi atacado por esses seres. Quando eles veem na tua pele que você está com coceira, coçando demais e tem determinadas características, eles já sabem que você comeu tal alimento, que está te fazendo mal porque os bichos estão comendo a sua pele. Isso é fundamental, por isso que eles agem sobre o corpo. Portanto, não é feitiçaria, especialista indígena não é feiticeiro.

Quero contar um fato que aconteceu no Centro de Medicina. Uma senhora chegou e disse, na frente do meu pai, que estava atendendo: “Você é pajé? Então descubra o que eu tenho de doença no meu corpo”. Aí meu pai falou: “Mas a senhora é que tem de dizer qual é o teu problema”. Aí ela disse: “Você não é pajé? Você não é mágico? Você não é feiticeiro?” Ele falou: “Não, feiticeiro eu não sou, não.” Aí começou toda a discussão. Ou seja, mais uma vez o imaginário estava presente.

Outra questão que eu trago sobre o corpo é que o corpo, para nós, não é algo parado, algo fixo, algo que está preso; é algo que se transforma. Todo o tempo ele está se transformando, por várias vias. Na minha tese eu apresento e discuto vários exemplos. Uma delas é a proteção do corpo através do **bahsese** ou através do benzimento. Uma das técnicas de proteção do corpo é **bahsese**, como forma terapêutica, é transformar o corpo em pedra, transformar o corpo em corpo resistente, em corpo travoso, em corpo explosivo, porque o corpo tem de estar suportando esses ataques. Essa estratégia, essa técnica, foi usada muito agora para combater o coronavírus na minha região, proteção do corpo, transformando em corpo resistente, em corpo de pedra, em corpo explosivo. Então, para isso, o especialista tem que saber os elementos que estão nisso, porque é entendido que esse covid-19 são seres que viajam pelas correntes do ar. Então, quando eles encontram uma parede, eles não vão poder penetrar. Então, do ponto de vista do especialista, o corpo se torna uma parede, um corpo impenetrável. Daí vem toda essa noção de proteção.

Outra é a transformação pelo uso das qualidades dos bichos como roupa, roupa mesmo. Por exemplo, nós temos uma história, que a gente sabe disso, a gente presenciou isso, que os especialistas indígenas, sobretudo do grupo Desana, do autor do livro *Antes o mundo não existia*, eles são especialistas em se transformar em onça, o animal mesmo, porque eles são capazes de pegar essa qualidade do bicho como roupa. E vão embora como onça para a caça de inimigos. É outra forma de transformação do corpo.

A outra é de se transformar em bicho depois da morte. O corpo ou a pessoa que não cumpriu regras durante sua vida, ele vai ter uma consequência de transformação de seu corpo em bicho; pode ser cutia, pode ser onça, cobra-grande etc. Portanto, para nós, a noção do corpo biológico também sofre essa transformação. Daí que eu trago a discussão sobre o corpo.



Estamos falando de modelos de conhecimento diferentes. No nosso modelo, você pode ser o que você quiser ser, mas desde que domine esses conhecimentos, bahse, que a gente está falando todo o tempo. Desde que você domine esse conjunto de conhecimentos que está aqui, neste livro que vocês estão lendo. Você pode manipular como você quiser, diz, transformado em bicho, transformado em outra coisa, até para casar, você pode estar feio, mas você pode usar as coisas aqui para você ficar bonito, conquistar mulheres, tem várias coisas que você pode estar manipulando. Ou seja, não tem fronteiras; a fronteira é o seu limite de domínio desses conhecimentos.

Como aquele exemplo que eu dei para vocês, do metrô. Pode ser surreal, mas para os nossos especialistas isso é real. E vai ser mais real ainda se um dia vocês prepararem o corpo e tomarem ayahuasca. Aí vocês vão ver, contactar de fato com essas pessoas que estão ali morando, conversar com eles, pedir orientação. Esse elemento é fundamental. Se vocês um dia quiserem fazer isso, para conhecer o lugar em que você está morando, você vai ter contato com eles. Só que tem de ter preparo, como eu falei, tem de preparar o corpo, limpar o corpo, tem uma orientação de especialista para poder fazer isso. Não é muito distante, talvez um dia vocês terão oportunidade. E para nós é isso, são casas onde estão os nossos conhecimentos. É a mesma coisa que você vai estudar, fazer faculdade ou doutorado em Harvard. Para nós, o Rio de Janeiro é nosso Harvard, é nossa universidade. Belém, Manaus são casas onde tem conhecimento, onde estão os conhecimentos, onde estão presentes esses detentores de conhecimento, mas eu só vou poder acessar ou dialogar com eles na medida em que eu preparo o corpo, limpar meu corpo, e utilizar esses elementos que eu falei, ayahuasca, rapé, não qualquer ayahuasca, não qualquer rapé, mas elementos importantes para poder ter contato e acesso a eles. Por essa razão que a gente explica, na medida em que a gente destrói essas casas também é a medida em que nós sofremos de doenças. Não só doenças de pele e outras, são conflitos, mortes, toda essa desorganização social, política, econômica e ambiental.

Obrigado por essa vontade de entender, isso nos fortalece, isso nos engrandece, isso faz com que a gente continue lutando, mostrando e ter certeza de que a gente tem parceiros como vocês, que estão ouvindo a gente. Muito obrigado por isso!

## JOÃO PAULO LIMA BARRETO

João Paulo Lima Barreto é indígena antropólogo do povo *Yepamaḥsã* (Tukano), nascido na aldeia São Domingos, na Terra Indígena Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM). É graduado em Filosofia (2010), mestre (2013) e doutor em Antropologia Social (2021) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Sua banca de defesa, ocorrida de modo remoto no dia 4 de fevereiro de 2021, pode ser conferida [aqui](#). É também pesquisador do Núcleo de Estudos da Amazônica Indígena (NEAI). Em 2017, fundou em Manaus o Centro de Medicina Indígena *Bahserikowi*.

## AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade  
Conservação Internacional Brasil

Este caderno é uma coedição com Idjahure Kadiweu que orientou o ciclo de leitura do livro *Antes o mundo não existia*. Pensando em colaborar para a fluência do texto buscamos alguns desenhos de peixinhos feitos por Luiz Lana, que integram uma série sobre o ciclo de peixes. Os originais estão no acervo da Fundação Darcy Ribeiro. Contamos com a especial colaboração de Sâmia Rios, revisora do texto.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

Muito obrigada ;)

**IDJAHURE KADIWEL** é poeta e antropólogo, sendo atuante também como editor, tradutor, intérprete e roteirista. Nascido no Rio de Janeiro, é pertencente aos povos Tereina e Kadiwéu, do Pantanal sul-mato-grossense. É graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2017), mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2020) e doutorando em Antropologia Social pela USP. Desde 2016 é correspondente da Rádio Yandê. Seus trabalhos e pesquisas enfocam as etnomídias e as artes indígenas.

**SÂMIA RIOS:** Sou uma leitora e estudante entusiasmada desde criança, e para sempre serei! O meu amor pelas narrativas me levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalho há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão. Estou muito contente de me reunir a essa comunidade selvagem!